

## O ESTRANHO E A DESUMANIZAÇÃO EM ANTÔNIO CARLOS VIANA

Daisy Souza de Almeida (Pós-Crítica/UNEB)

Orientador: Prof. Dr. Carlos Magno Gomes

*Resumo:* à luz das teorias de Freud e de Bauman em torno do afeto do estranhamento e dos processos de produção e anulação do estranho, respectivamente, este estudo investiga as relações entre o estranho e a desumanização, tomando como referência sua tematização na obra do escritor sergipano Antônio Carlos Viana. A leitura da desumanização será instrumentalizada pelas teorias do filósofo Giorgio Agamben em torno da *singularidade qualquer*. O instrumento utilizado para esta leitura é a Crítica Cultural, pois ela parte de um princípio contra-hegemônico, possibilitando o desmonte dos sentidos discriminatórios atribuídos às categorias minoritárias, além de auxiliar na reflexão sobre as implicações políticas das construções discursivas na subjetivação do estranho.

*Palavras-chave:* Desumanização. Estranho. Pertencimento.

Na obra “O Meio do Mundo e Outros Contos”, da literatura vianiana, personagens excluídas, que sofrem uma série de humilhações em decorrência dos seus aspectos físicos e psicológicos, convivem no mesmo ambiente com personagens completamente impiedosas, que, no entanto, não sofrem nenhum julgamento moral por conta desta característica. Ou seja, enquanto a categoria das personagens oprimidas ocupa um não-lugar em relação à ordem estabelecida no contexto dos contos, as personagens desumanizadas, que também são estranhas ao padrão comportamental de todas as outras personagens, desfrutam livremente dos seus desejos mais espúrios. Considerando essas duas vertentes de representação do estranho em Antonio Carlos Viana, este estudo reflete sobre as relações entre o estranho e a desumanização.

Mestre em teoria literária e doutor em literatura comparada pela Universidade de Nice, na França, Antonio Carlos Viana conquistou vários prêmios por suas publicações, como o Esso de Literatura de 1971, o concurso Nacional de Literatura promovido pela Associação Gaúcha de Escritores e pela Prefeitura Municipal de Garibaldi, em 1992 (BRITTO, 1999, p. 7), o Tobias Barreto de Aracaju, o APCA 2009 de melhor livro de contos por Cine privê, além de ter o conto “O Meio do Mundo” adaptado para o cinema pelo cineasta Marcus Vilar, que também conquistou prêmios por sua produção. A maioria dos seus contos foi reunida em três coletâneas: Brincar de manjã, de 1974, Em pleno castigo, de 1981, e O meio do mundo, de 1993 (*ibid.*, 1999 p. 7). Os contos que figuram neste estudo são “Nadinha”, “Herança”, “Tia Napalma, coitada”, “Vá, Deralda” e “Meu tio tão só”, pelo fato de apresentarem semelhantes contextos no que se refere à representação das personagens oprimidas e da desumanização.

O primeiro capítulo, intitulado “Sobre o Estranho”, faz um panorama do conceito de estranho, trazendo as perspectivas de Bauman e de Freud, em diálogo com as teorias de Stuart Hall e de

Roland Barthes. O problema que se coloca para o desenvolvimento deste capítulo, é referente aos procedimentos de naturalização dos sentidos hegemônicos impungidos ao estranho, tornando-se necessário observar se na obra vianiana existem traços de reprodução desses sentidos negativos ou se, ao contrário, existe uma ruptura com os processos de dominação.

O primeiro tópico deste capítulo evidencia as relações entre o estranho e a Crítica Cultural, trazendo a produção literária como possibilidade de alteração na ordem simbólica, a partir da resignificação de conceitos estabelecidos como verdades absolutas. Os conceitos de Barthes (2004) em torno do caráter gregário da linguagem possibilitam a reflexão sobre os papéis assumidos pela literatura no que se refere ao desmonte de conceitos naturalizados pelo senso-comum. A associação da Crítica Cultural à literatura para a leitura do estranho em Viana se dá pelo método híbrido descrito pelo estudioso Carlos Magno Gomes (2011). Em seu texto “Estudos Culturais e Crítica Literária”, o autor evidencia a problemática das análises voltadas apenas para a estrutura do texto ou para as abordagens puramente culturalistas, defendendo que esses dois métodos devem fazer parte da análise do texto literário, numa perspectiva interdisciplinar que vai além do “binarismo estética/cultura” (GOMES, 2011, p. 56).

O segundo tópico é inteiramente dedicado às teorias de Freud em torno do afeto do estranhamento. O estudioso acredita que o tema do estranho se relaciona “indubitavelmente com o que é assustador – com o que provoca medo e horror [...] tende a coincidir com aquilo que desperta o medo em geral”. Uma das questões que ele aborda em sua pesquisa se concentra em descobrir o que permite classificar como estranhas as coisas que estão no campo do amedrontador. Ele afirma que “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho e há muito familiar” (FREUD, 1974), procurando mostrar como é possível que o familiar se torne estranho e assustador. O estranho na obra de Antônio Carlos se relaciona com as teorias de Freud, porque tanto a estética, quanto as situações narradas em seus contos remetem para o familiar, e ao mesmo tempo a própria narrativa causa estranhamento.

Enquanto Freud se atém aos mecanismos do inconsciente para explicar o sentimento de estranhamento, Bauman segue uma linha sociológica para descrever como o estranho é produzido a partir da ordem criada pelo homem. O desejo de organização seria proveniente de um ideal de pureza, apontado por Bauman como a base que sustenta e define os lugares a serem ocupados por cada indivíduo. Segundo o estudioso, as características das coisas em si não as transformam em impuras, o que lhes confere esta condição é justamente a sua localização em lugares ordenados. Nessa linha de pensamento, os estranhos que passam por processos de opressão nos contos vianianos são produzidos pelo pertencimento, que gera a exclusão inevitavelmente. Os conceitos de

nacionalismo e de pertença apontados por Stuart Hall e por Giorgio Agamben, respectivamente, dialogam com as teorias de Bauman em torno da ordem e do conceito de “comunidade”, presente em sua obra de mesmo título. Tudo isso compõe o terceiro tópico deste capítulo.

“O Fetiche das Relações Pessoais” finaliza o primeiro capítulo com a discussão sobre o capitalismo e o fetiche que inviabiliza outras concepções de estranho. Para o desenvolvimento deste tópico, serão articuladas as teorias marxistas ao ideal de pureza presente em Bauman. Karl Marx (2002) explica o que seria o fetiche, numa perspectiva política e econômica, evidenciando a organização social capitalista que forja meios de ocultar a opressão e a dominação sofrida pela classe operária, dissimulando uma igualdade de direitos que não existe, para criar um imaginário propício à manutenção das formas de controle. O fetiche das relações pessoais imputa ao desejo as marcas de um ideal de belo e puro que exclui toda forma de disparidade e sustenta a coisificação do ser humano pelo mercado capitalista, quando este tenta homogeneizar as categorias sociais para possibilitar maior controle sobre o desejo e assim conservar os parâmetros opressivos da exploração capitalista. A literatura e as manifestações artísticas de modo geral se dispõem dentro do desejo enraizado pelo fetiche ou ocupam um não-lugar, quando transgridem o normalizado a ponto de escapar à reprodutibilidade.

O segundo capítulo, intitulado “Desumanização e liberdade pós-moderna” tem como foco central a reflexão sobre o sonho de liberdade na pós-modernidade e a desumanização como provável consequência do individualismo que tem sustentado esse desejo de ser livre. A problemática que se coloca, no entanto, faz referência à isenção de julgamentos morais experimentada pelas personagens desumanizadas na literatura vianana. Partindo do pressuposto de que obter a tão sonhada liberdade acarreta em uma série de consequências, seja porque experimentar de todos os desejos pressupõe a supressão da liberdade do outro ou porque usufruir da liberdade na pós-modernidade significa igualmente assumir uma suposta essência forjada pelo mercado capitalista, como conceber personagens que, ao que tudo indica, são livres das essências impostas? Desse modo, este capítulo aborda o conceito de liberdade na pós-modernidade, associado à aparente subversão dos valores morais, empreendida pelas personagens dos contos de Viana, como meio para questionar os essencialismos e a instituição de pertença.

O primeiro tópico, intitulado “Liberdade e a Lógica do Consumo”, apresenta as teorias de Bauman em torno do conceito de liberdade, descrito em sua obra “Modernidade Líquida”. Ao instituir a ordem, a modernidade propôs a troca da liberdade pela segurança de pertencer a uma comunidade. Na modernidade líquida, a liberdade torna-se uma essência imposta pelo mercado, em que o alcance da felicidade pressupõe a liberdade de consumo. As personagens desumanizadas da

obra vianiana se relacionam inversamente ao modelo capitalista, pois elas estão fora do fetiche responsável pela produção de consumidores ativos, pelo fato de viverem em condições precárias de sobrevivência.

À luz das teorias de Giorgio Agamben, o segundo tópico deste capítulo, intitulado “Singularidade Qualquer”, aborda a problemática da identificação, trazendo a *singularidade qualquer* como perspectiva para a total contraposição às imposições do pertencimento. A singularidade que o *ser qualquer* emana contém “algo que remete para a vontade, estabelece uma relação original com o desejo” (Agamben, 1993, p. 11). Quando as personagens do Viana colocam em prática toda a sua possibilidade de liberdade, simbolicamente elas se contrapõem aos enquadramentos forjados pela condição de pertença.

“A Alegria do Limbo”, terceiro tópico deste capítulo, traz as teorias de Agamben em torno do questionamento aos procedimentos de identificação. O lugar de intermédio característico do limbo é a não identificação de condenados ou de eleitos, ou seja, simbolicamente o limbo indica a problemática de todo processo de identificação: a redução da singularidade a classificações e enquadramentos forjados prioritariamente pelo “não-pertence”, pela exclusão de tudo que destoa. O limbo em Agamben é, portanto, a transvaloração completa da própria ideia de lugar. Seguindo esta lógica, as personagens desumanizadas na obra vianiana estão no limbo descrito por Agamben, pois à revelia de um ideal de comportamento padronizado por vias das pressões culturais, as personagens incompassivas do Viana gozam de todas as suas propriedades, são “a sua própria possibilidade”. Elas não podem ser salvas e experimentam de todos os seus sentimentos, mesmo daqueles repelidos pela moral, em que a existência prevalece sobre a ideia utópica de essência.

A ordem, o pertencimento e a liberdade responsáveis pela produção dos estranhos, neste estudo são questionadas através da aparição da desumanização em Antônio Carlos Viana. Se às personagens desumanizadas podem ser atribuídos incontáveis atributos negativos, este não é exatamente o questionamento aqui proposto. Interessa pensar o poder político da amorfia, colocada em foco através das ações e pensamentos das narradoras dos contos vianianos, e o não enquadramento numa série enquanto caminhos possíveis para perturbar a normatização responsável por manter harmonioso o funcionamento dos moldes capitalistas de controle do ser. Desse modo, o *ser qualquer* desenvolvido pela teoria agambeniana representa a possibilidade de não fixação em modelos previamente programados para a satisfação da vida em comum estabelecida sob parâmetros opressores.

Partindo desses pressupostos, o objetivo central deste estudo é perceber como funciona e como podem ser desmontados os dispositivos da naturalização dos sentidos negativos fixados ao

estranho. Para tanto, será necessário expor os elementos linguísticos para demonstrar como (ou se) ocorre a naturalização dos sentidos hegemônicos impungidos ao estranho na obra vianiana, bem como perceber os poderes da linguagem nas representações literárias quanto às conformações e transgressões do instituído. Nesse sentido, se faz necessário, também, evidenciar os elementos básicos que compõem os processos de consolidação da dominação e da segregação, levando em conta as influências do capital. Tudo isso requer uma cuidadosa observação das formas como operam os processos simbólicos e como contribuem para regimes de opressão nos processos de subjetivação do estranho.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Editora Presença: Lisboa, 1993.
- BARTHES, Roland. *A Aula: aula inaugural da cadeira da semiologia literaria do Colégio de França: pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: ed Cultrix, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BRITTO, Paulo Henriques. Apresentação. In: VIANA, Antonio Carlos. *O meio do mundo e outros contos*. São Paulo: Cia das Letras, 1999. p. 7-10.
- CANCLINI, Nestor García. Das Utopias ao Mercado. In: *Culturas Híbridas*. São Paulo, EDUSP, 3 ed., 2000.
- CERTEAU, Michel de. Fazer com: usos e táticas. In: *A Invenção do cotidiano*. Editora Vozes: Petrópolis, 1990.
- CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *Kafka: por uma literatura menor*. Imago, Rio de Janeiro, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREUD, Sigmund. *O Estranho*. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1974.
- GEERTZ, Clifford. O senso comum como um sistema cultural. In: *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GOMES, Carlos Magno. *Estudos Culturais e Crítica Literária*. Revista Anpoll, v. 1, n. 30, 2011.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo: lógica cultural do capitalismo tardio*. Editora Ática, 1997.
- MARX, K; ENGELS, F. *Ideologia Alemã*. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora. Reflexões sobre os preconceitos morais*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral. Uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

SAHLINS, Marshall. La pensée bourgeoise: a sociedade ocidental enquanto cultura. In: SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SEDELMAYER, Sabrina; GUIMARÃES, César; OTTE, Georg. *O Comum e a Experiência da Linguagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VIANA, Antonio Carlos. *O meio do mundo e outros contos*. São Paulo: Cia das Letras, 1999. p. 38-42.